



Mestrado em Tecnologia Educativa (2006/2007)
Unidade Curricular: Cognição e Educação
Docente: Doutor Pedro Barbas de Albuquerque

Aluno: Kelson dos Santos Araújo
Número mecanográfico: pg9753

Tema do Programa:

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS



Braga - Portugal
Julho de 2007

ÍNDICE:

1 - INTRODUÇÃO	03
2 - FUNDAMENTOS DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS	04
3 - ASPECTOS COGNITIVOS E EDUCATIVOS DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS	06
4 - AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS	09
5 - CONCLUSÃO	09
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12



1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho é apresentado em cumprimento ao requisito da Unidade Curricular "Cognição e Educação" ministrada pelo Doutor Pedro Barbas de Albuquerque no âmbito do Mestrado em Tecnologia Educativa do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, biénio 2006/2007.

O tema do programa da referida Unidade Curricular escolhido para a elaboração deste trabalho diz respeito à **Teoria das Inteligências Múltiplas**. Procurará dar uma visão geral em termos teóricos sobre os aspectos fundamentais da teoria numa abordagem da forma a mais clara e abrangente possível para conferir aos leitores uma ideia básica sobre o tema em causa.

Serão revistas as posições de alguns investigadores que defendem e aplicam a teoria em suas práticas educativas, tais como Howard Gardner (o proeminente autor que criou a teoria), Thomas Hatch e Shirley Veenema (colaboradores de Gardner), Thomas Hoerr e Leslie Owen Wilson, sendo que estes dois últimos actuam como professores que buscam a implantação da teoria em suas respectivas escolas.

No decurso dessa revisão dos pensamentos dos autores mencionados, o trabalho apresentará alguns aspectos cognitivos e educativos relacionados à Teoria das Inteligências Múltiplas e a sua vinculação com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), objecto principal de interesse no presente Mestrado em Tecnologia Educativa.

O trabalho concluirá com a breve menção de argumentos contrapostos à teoria proporcionados pelo investigador francês Edgar Morin, fará uma síntese da situação da Teoria das Inteligências Múltiplas no contexto educativo actual e procurará divisar cenários e impactos futuros.

Como cumprimento de requisito específico, regista-se que a elaboração do presente trabalho tem o apoio do **Programa ALβAN**, Programa de Bolsas de Alto Nível da União Europeia para a América Latina, por meio da Bolsa E06M100234BR.

2 - FUNDAMENTOS DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

A partir do final do século XIX até a primeira metade do século XX, o assunto geral da inteligência passou por estudos investigativos pelos mais talentosos e influentes investigadores em psicologia. Conforme apontam Gardner & Hatch (1990), os estudos desses cientistas não se restringiram unicamente à teoria, porém, ao contrário, a maior parte apresentou uma orientação prática.

De facto, a inteligência é um aspecto de difícil definição. Em termos teóricos, ela representa a capacidade do indivíduo de aprender novas informações, de compreender o mundo ao seu redor e de ser habilidoso em lidar com desafios. A inteligência consiste basicamente das destrezas necessárias para adaptação ao ambiente de forma a alcançar metas definidas. A pessoa é considerada inteligente se puder perceber o que se passa ao redor, aprender a partir da experiência e agir de forma a ter êxito em suas consecuições no meio em que vive. Contudo, há diferenças de opinião entre os psicólogos estudiosos do assunto sobre como se define a inteligência e quais são exactamente as habilidades compreendidas pelo aquilo que se chama "inteligência". Já em nível prático, define-se a inteligência por aquilo que os testes específicos são capazes de medir.

A partir da década de 1950 ocorreu um crescente interesse em investigações teóricas relacionadas à área da cognição que reduziu em muito os trabalhos práticos realizados sobre inteligência. Foi somente lá pelos fins da década de 1970 que ocorreu um novo despertar do interesse científico sobre os aspectos teóricos e investigativos também sobre a área da inteligência. Conforme apontado pelo artigo de Gardner e Hatch da citação anterior (As Inteligências Múltiplas Vão à Escola: Implicações Educativas da Teoria das Inteligências Múltiplas, de 1990), Robert Sternberg foi provavelmente o mais importante catalisador dessa mudança rumo à redescoberta da posição central da inteligência com os seus trabalhos publicados entre 1977 e 1985, juntamente com outros investigadores provenientes de diferentes áreas da psicologia, tais como Baron, Brown & Campione, Dehn & Schank, Hunt, Jensen, Scarr & Carter-Salzman e Snow, cujos trabalhos foram todos produzidos no decorrer da década de 1980.

Para os objectivos do presente trabalho, concentraremos nossa abordagem na Teoria das Múltiplas Inteligências, teoria esta criada com base nos estudos de Howard Gardner sobre o desenvolvimento e a separação das capacidades cognitivas e de utilização de símbolos. Basicamente, a teoria trata de evidências empíricas que indicam que a mente humana pode ter uma concepção modular. Isso significa que há processos psicológicos distintos envolvidos em diversos sistemas simbólicos, tais como o linguístico, o numérico, o pictórico, o gestual, entre outros. Há indivíduos que podem apresentar uma certa precocidade (serem mais habilidosos) num ou mais sistemas simbólicos e não necessariamente saírem-se tão bem nos outros.

Sendo assim, em termos práticos, Gardner sentia-se incomodado pelo destaque que a Escola normalmente dá a apenas dois tipos de sistemas simbólicos: o linguístico e o matemático. Embora essas duas formas de simbolização sejam obviamente importantes do ponto de vista educativo, outras variedades de usos simbólicos também figuram de maneira proeminente nas actividades cognitivas do ser humano dentro e, especialmente, fora da Escola.

Para além disso, os testes de inteligência, de comportamento e de destreza privilegiavam demais as capacidades linguísticas e lógicas em detrimento de outros tipos de habilidades cognitivas similarmente importantes e valorizadas numa ampla variedade de situações culturais e históricas. Desta forma, Gardner propôs a existência de várias inteligências humanas relativamente autónomas. Definiu o termo "inteligência" como a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que assumem valor num ou mais ambientes culturais. A lista inicialmente proposta por Gardner inclui sete tipos de inteligências:

Lógica-matemática: percepção e capacidade para discernir padrões lógicos ou numéricos e de lidar com longas cadeias de raciocínio (cientistas, matemáticos e engenheiros).

Linguística-verbal: sensibilidade a sons, ritmos e significados das palavras para além das diferentes funções da linguagem (poetas, jornalistas e escritores).

Musical: habilidades para produção e apreciação de ritmos, frequências e timbres sonoros em todas as formas de expressão musical (compositores e músicos).

Espacial: capacidade de perceber o mundo visual-espacial com precisão e para executar transformações nas percepções iniciais de outrem (arquitectos, desenhistas e escultores).

Cinestésica-corporal: habilidades para dança, capacidade de controlar os movimentos corporais e cinestésicos para manusear objectos com destreza (dançarinos e desportistas).

Interpessoal: capacidade de discernir e de responder adequadamente aos humores, temperamentos, motivações e desejos das outras pessoas (políticos, líderes religiosos e vendedores).

Intrapessoal: capacidade de auto-conhecimento (psicoterapeutas, conselheiros).

Em meados dos anos 2000, Gardner adicionou à lista a inteligência naturalista e também tem feito investigações sobre a inteligência existencial-espiritual.

3 - ASPECTOS COGNITIVOS E EDUCATIVOS DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

É facto patente que o sistema educativo actual, particularmente no que tange aos processos de avaliação, somente privilegia os alunos detentores das inteligências linguística-verbal e lógica-matemática. É a proposta de Gardner e de outros investigadores na área da Educação ampliarem os contributos potenciais da Teoria das Múltiplas Inteligências à uma abrangente e necessária reforma educativa. Neste sentido, para que se possa tirar partido das diferentes inteligências apresentadas pelos alunos, são necessários testes de avaliação para cada uma delas de forma a identificar suas forças e fraquezas de modo fiável.

Já existem documentadas algumas experiências levadas a cabo em escolas que se propuseram a desenvolver projectos colaborativos que atendessem aos objectivos curriculares e avaliativos impostos pelos governos aplicando-se os conceitos das múltiplas inteligências. Mediante uma variedade de aulas especiais (por exemplo, computação, actividades corporais-cinestésicas) e acções extra-curriculares, aos alunos foi dada a oportunidade de descobrirem as áreas em que eram mais fortes e, assim, desenvolverem suas inteligências específicas. Os resultados nas escolas da amostragem indicaram que os professores relataram aumento da motivação por parte dos alunos sendo que eles mesmos apreciaram a oportunidade de reflectirem sobre seu próprio crescimento e desenvolvimento escolar. Para além disso, os programas desenvolvidos, tanto com miúdos como com jovens mais velhos, confirmaram que a importância maior lançada sobre um intervalo mais amplo de talentos foi capaz de levar destaque a indivíduos que, anteriormente, haviam sido considerados sem grande expressão ou que até mesmo estavam sob risco de reprovação escolar. Ao final da década de 1980, os investigadores do Projecto Zero da Universidade de Harvard examinaram a hipótese de que as inteligências eram bastante independentes umas das outras e realizaram alguns estudos cujos resultados aparentemente foram coerentes com os princípios preconizados pela Teoria das Inteligências Múltiplas.

Outros investigadores vêm também incorporando os conceitos dessa teoria em sua prática de ensino e descrevem algumas razões específicas para que os professores sintam-se atraídos pela pedagogia das múltiplas inteligências, tais como: a abundância de adaptações, interpretações e materiais didácticos sobre a teoria com fácil acesso ao seu conteúdo - o que auxilia os professores a melhor elaborarem sessões personalizadas e diversificadas; a promoção da compreensão de si mesmo e dos outros - o que equivale aos níveis intrapessoal, interpessoal e cultural; a validação, muitas vezes frequente, da percepção criteriosa e intuitiva do professor quanto aos talentos naturais dos alunos - o que serve como justificativa e auxílio para a criação de ambientes de aprendizagem

personalizados; e a dotação aos professores, aos pais e aos alunos de uma conceitualização mais ampla e igualitária do que significa realmente ter-se um dom (Wilson, 1998).

Existem diversas obras de autores intermediários que contribuem para a popularização da teoria das múltiplas inteligências. Por motivo de espaço, a extensa bibliografia respectiva não será citada aqui, mas pode-se afirmar que tais autores proporcionam aos seus leitores diversos conceitos adaptados do quadro teórico de Gardner directamente para uso prático em sala de aula com alunos de várias idades. Como bola de neve, esses conhecimentos e subsequentes experiências de aplicação da teoria são cada vez mais divulgados em conferências, oficinas e congressos sobre educação e, assim, mais e mais profissionais, pais e administradores escolares vão tomando ciência do que são as inteligências múltiplas e os talentos correlacionados dos alunos. Deste modo, o movimento de expansão da teoria começou a partir da base da pirâmide educacional por professores e pais dedicados, em oposição a um início de cima para baixo por parte daqueles responsáveis pelas políticas educativas, administradores ou directores de currículo.

Outro aspecto cognitivo/educativo importante da Teoria das Múltiplas Inteligências é que ela pode ser utilizada como uma ferramenta para a compreensão de si mesmo e dos outros. A teoria permite que os utilizadores tornem-se mais conscientes dos seus próprios dons e talentos intrínsecos e, assim, consigam aumentar os seus níveis de auto-estima e de auto-eficiência no que fazem. Aumenta também a compreensão dos alunos quanto à complexidade dos seus talentos e os dos seus colegas, amigos e membros da família, enfim, auxilia-os na percepção conscienciosa das diferenças culturais, ou seja, fá-los compreender que há outras culturas que dão maior valor a outros tipos de inteligência.

Aliado a isto, a aplicação da Teoria das Múltiplas Inteligências na prática pedagógica permite validar os talentos naturais dos alunos, talentos estes já identificados por parte dos bons professores que possuem altos níveis de observação e de intuição. Assim, os professores sentem-se mais confiantes e valorizados ao perceberem que a teoria vem a comprovar que estão certos os seus instintos avaliativos das capacidades dos seus alunos.

Já quanto a uma conceitualização mais ampla e igualitária do que sejam os dons ou talentos dos alunos, há que se ressaltar que a Teoria das Inteligências Múltiplas ajuda a desmontar a percepção prevalecente no mundo ocidental de que a inteligência resume-se aos resultados obtidos em exames que apenas avaliam as destrezas verbais-linguísticas ou lógicas-matemáticas. Desta forma, a teoria serve para demonstrar o quão estreita é essa visão em termos culturais e pedagógicos quando não se levam em conta os dons ou as combinações de dons dos alunos em termos das outras categorias concebidas por Gardner em sua teoria: corporal-cinestésica, musical, espacial, interpessoal, intrapessoal e, num arranjo mais abrangente, naturalística.

De acordo com os objectivos do presente trabalho e em consonância ao anteriormente descrito, outro investigador estudado destaca o fascínio que exerce a teoria das múltiplas inteligências sobre vários educadores devido aos dois atractivos que ela proporciona. O primeiro deles, mais evidente, diz respeito aos melhores resultados escolares dos alunos quando estes são tratados sob a lente dessa teoria. O segundo, menos óbvio, relaciona-se com o facto de que a utilização das múltiplas inteligências transforma o papel desempenhado pelo professor no processo pedagógico (Hoerr, 2002).

No que diz respeito ao primeiro atractivo, Hoerr reconhece, porém, que a aplicação da teoria das múltiplas inteligências não é uma panaceia e que os métodos de instrução directa e de memorização de factos ainda têm lugar na escola. Contudo, intuitivamente, é natural que percebamos o facto de que os miúdos aprendem de maneiras diferentes, da mesma forma como nós, adultos, ainda o fazemos. Desta forma, encaramos a teoria das múltiplas inteligências como uma ferramenta que nos auxilia a alcançarmos mais crianças de modo tal que nos tornemos melhores educadores.

Já no que toca ao segundo aspecto atractivo dessa teoria (com respeito ao papel do professor como educador), Hoerr expõe a situação actual das escolas tradicionais nas quais o professor depende dos manuais escolares e, muitas vezes, está amarrado a eles e a outros materiais curriculares obrigatórios. Em tais casos, o que manda em termos de sucesso escolar são as notas obtidas nos exames estandardizados e ponto final. Assim, é natural que haja a tendência de preparar os alunos para os exames e buscar uma aprendizagem a mais próxima possível daquilo que está no currículo e que, ao final, fará parte do que será examinado. Deste modo, para além das baixas que tal abordagem pedagógica causa entre os alunos, isso também lança um fardo pesado sobre os ombros dos professores. Afinal de contas, que atractivo pode haver na mera leitura de instruções escritas num manual dia após dia? Qual a mensagem que é passada a nós, professores, quando tudo que precisamos de ensinar é estabelecido e predeterminado por uma editora longínqua da realidade que enfrentamos?

Em contraste, de muito mais valia pessoal é quando os professores sentem que colaboram todos os dias para o desenvolvimento dos seus alunos de maneira diferenciada e não estandardizada, com uma imensa satisfação pessoal que se deriva desse extenuante, porém, gratificante trabalho. Quando o currículo, a aprendizagem, a avaliação e a pedagogia são vistas sob a óptica das múltiplas inteligências, surge uma infinidade de maneiras para que os estudantes aprendam. Contudo, a escola não deve rotular e discriminar seus educandos pelas suas inteligências mais ou menos desenvolvidas. Deve, sim, ajudá-los a superar suas dificuldades, utilizando caminhos alternativos, para que desenvolvam mais e melhor suas habilidades (Rupert & Gaspari, 2000).

4 - AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

O uso do computador está cada vez mais presente em nosso dia-a-dia e os alunos têm interagido muito mais cedo com as aplicações informáticas do que no caso das gerações anteriores. Pode-se perceber que a utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) no processo de ensino-aprendizagem torna-se indispensável para uma formação holística satisfatória.

No contexto de aplicação pedagógica da Teoria das Inteligências Múltiplas, a Informática possui um papel fulcral já que, mediante o computador, é possível reunir diferentes tipos de mídias, o que permite a realização de actividades que exploram diversos talentos e habilidades dos alunos ao proporcionar-lhes recursos que estimulem as suas diferentes inteligências. Cabe aos professores a tarefa de utilizar os recursos da multimédia e da hipermédia com criatividade, contribuindo, assim, com uma aprendizagem mais significativa ao mesmo tempo em que inserem seus alunos nesta nossa sociedade globalizada e informatizada (Balestro & Mantovani, 2000).

Já são vários os títulos de softwares educativos multimédia disponíveis no mercado que têm em conta estimular as diferentes inteligências dos alunos. Isto inclui tornar possível que os alunos demonstrem seus conhecimentos pelo uso de mídias e representações que façam sentido para eles e procurar também inculcar neles formas superiores de compreensão. As novas mídias podem ser utilizadas para auxiliar os alunos na abordagem dos assuntos existentes no currículo de forma a estimulá-los a alcançarem formas mais elevadas de raciocínio e do pensar criativo.

Assim, pode-se tirar proveito da visão mais complexa sobre a inteligência proporcionada pela teoria de Gardner. Visto que se acredita que a mente não funciona com uma linguagem de representação única, nosso uso das tecnologias deve reflectir tal entendimento. As tecnologias como as do tipo multimédia podem muito bem auxiliar os alunos a formarem ricas representações de um evento e a cultivarem uma aprendizagem mais profunda (Veenema & Gardner, 2002).

5 - CONCLUSÃO

Dentro do que foi proposto para a elaboração do presente trabalho, há que mencionar uma visão contraposta à Teoria das Inteligências Múltiplas que nos é dada no tocante a ela ser uma teoria cujas ideias centrais são de difícil contestação. Há também os estudos desenvolvidos por Edgar Morin, prestigiado investigador francês, que enfatiza a educação integral do indivíduo no âmbito de uma transdisciplinaridade, a qual actuaria no

processo de ensino-aprendizagem como uma espécie de portadora da liberdade de pensamento (Morin, 2001).

A diferença da educação transdisciplinar com a da teoria de Gardner consiste no facto de que, na transdisciplinaridade fala-se de um novo tipo de inteligência fundamentada num equilíbrio mantido entre a mente, o corpo e os sentimentos ou emoções. De facto, estes três factores compõem três tipos de inteligência: a analítica, a corporal e a emocional, respectivamente. A pessoa não fica restrita a preferir um estudo ou uma ocupação que estejam vinculados ao seu próprio tipo de inteligência, mas é capaz de exercer sua liberdade de escolha mediante a flexibilidade interna existente entre os três tipos de inteligência que, na realidade, todos possuem.

Desse modo, os estudos nessa área de cognição e educação continuam e os defensores da Teoria das Múltiplas Intelligências afirmam que, caso avaliações futuras da aplicação da teoria em diferentes contextos educativos não revelem pontos fortes nem pontos fracos numa população, se os desempenhos nas diversas actividades mostrarem uma comprovada correlação sistemática e se os instrumentos de avaliação (tal como os testes de QI, algo a que Gardner é totalmente avesso) explicarem a preponderância da variação em actividades configuradas para envolverem inteligências específicas, então, a Teoria das Múltiplas Intelligências terá de ser revista. De qualquer maneira, o objectivo de identificação dos pontos fortes de um indivíduo e usá-los como base para a motivação e o desenvolvimento de sua aprendizagem já terá o seu valor, a despeito do destino científico da teoria em si mesma.

Todavia, é consenso entre os autores aqui estudados que futuros trabalhos que procurem aplicar pedagogicamente os princípios da Teoria das Intelligências Múltiplas deverão levar em consideração a adequabilidade dos materiais utilizados, o histórico social das populações da amostra (que poderá exercer alguma influência sobre a habilidade e o desejo dos alunos em trabalharem com os materiais) e a apresentação correcta dos materiais e dos instrumentos de avaliação no ambiente da sala de aula.

Da mesma forma, é bem claro que o uso do computador e das novas tecnologias na educação requer muito mais do que o simples desenvolvimento de softwares educacionais. A qualidade desses softwares é muito mais importante que a quantidade ou o volume de informações e de recursos utilizados. Além disso, eles precisam ser integrados aos interesses ou conteúdos que estão sendo trabalhados em aula. Decerto que a tecnologia em si mesma não é capaz de deflagrar uma revolução em termos de abordagens ou de resultados educativos. Ela pode ser facilmente utilizada para uma mera transmissão de conhecimentos e continuar privilegiando as formas tradicionais de inteligência.

Portanto, atenção deve ser dada aos objectivos mais ambiciosos de uma real revolução cognitiva que a tecnologia pode auxiliar a alcançar mediante o estímulo a uma melhor compreensão de como os alunos aprendem, bem como à produção de materiais educativos mais eficazes. É importante ressaltar, no entanto, a necessidade de estudos mais aprofundados sobre como estimular, de modo mais transparente, as diversas inteligências usando esses recursos.

É inegável que os professores que compreendem e utilizam a Teoria das Inteligências Múltiplas vêm sendo transformados em docentes que percebem os padrões de aprendizagem humana em níveis mais profundos, melhores e mais abrangentes. Contudo, é também um facto incontestável que os consideráveis méritos dessa teoria pedagógica não têm sido capazes o suficiente para torná-la uma norma na maioria das escolas. A utilização dessa teoria ainda não conseguiu alcançar ampla penetração entre os educadores. Em geral, isto é devido a vários obstáculos, entre eles: a desconfiança dos pais se os filhos realmente terão melhor êxito escolar, a preocupação dos administradores quanto aos resultados a prazo curto dados pelos exames estandardizados (que somente privilegiam as inteligências clássicas) e a relutância de alguns professores quanto a "gastarem" o tempo e a energia necessários para viabilizarem a introdução das inteligências múltiplas nas salas de aula. Porém, há algumas formas de contornar tais barreiras numa escola que pretenda aplicar a pedagogia das inteligências múltiplas: educação dos pais, melhoria da comunicação professores-pais e desmantelamento bem fundamentado da ideia nutrida pelos administradores escolares de que as notas dos exames padronizados poderão piorar pela aplicação da teoria.

Sendo assim, podemos concluir que Gardner estava certo ao dizer que há muitas formas diferentes de fazer com que os alunos aprendam. Ninguém tem as respostas para tudo, mas vale a pena e é recompensador prosseguir nesse caminho escolhido. A não ser que os alunos tenham hipóteses de aprender de formas compatíveis com a variedade de suas mentes, as escolas continuarão a beneficiar unicamente os alunos que forem fortes nos modos de pensar tradicionais da linguística e da lógica num quadro de perpetuação de um perverso molde darwiniano de exclusão.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALESTRO, Carla Odete & MANTOVANI, Ana Margô (2000). "Hiperhistórias - ambiente multimídia estimulador das inteligências múltiplas". Universidade La Salle, Actas do V Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, Viña del Mar, Chile.

GARDNER, Howard & HATCH, Thomas (1990). "*Multiple Intelligences Go To School: Educational Implications of the Theory of Multiple Intelligences*". CTE Technical Report Issue No. 4. Projecto Zero, Universidade de Harvard

HOERR, Thomas (2002). "*Applying MI in Schools*". *New Horizons for Learning*. Disponível em <http://www.newhorizons.org/strategies/mi/hoerr2.htm>

MORIN, Edgar (2001). "O Desafio do Século XXI: religar os conhecimentos", tradução de Ana Rabaça.

RUPERT, Clélia Regina Redin & GASPARY, Luciano Paschoal (2000). "Uma experiência de aplicação da teoria das inteligências múltiplas em softwares educacionais". Universidade de Santa Cruz do Sul, Actas do V Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, Viña del Mar, Chile.

VEENEMA, Shirley & GARDNER, Howard (2002). "*Multimedia and Multiple Intelligences*". Artigo escrito para a *Spencer Conference, The American Prospect - MIT Media Laboratory*. Disponível em <http://tinyurl.com/2xkmbr>

WILSON, Leslie Owen (1998). "*What is the Big Attraction - Why Teachers are Drawn to Using Multiple Intelligences Theory in their Classrooms*". *New Horizons for Learning*. Disponível em <http://www.newhorizons.org/strategies/mi/wilson1.htm>

